

Exposição-homenagem de Ivan Serpa. Para ver e aprender

Pena que o espaço da Galeria Klee seja tão pequeno, porque os três colecionadores que se reuniram para homenagear Ivan Serpa no 14º aniversário de sua morte, têm, juntos, cerca de duas centenas de obras do artista. A exposição inaugurada na última terça-feira reúne apenas 28 obras, em sua maior parte de pequeno porte e sobre papel.

Apesar disso, a mostra serve como uma boa introdução às diferentes facetas de sua obra e deve ser vista especialmente pelas novas gerações de artistas e estudantes de arte.

Um dos pioneiros da arte geométrica no Brasil, Ivan Serpa criou e liderou o Grupo Frente (1954-1956) do qual saíria o principal da dissidência carioca do movimento concreto, isto é, o neoconcretismo. Serpa cumpriu, no Rio, um papel semelhante ao de Waldemar Cordeiro em São Paulo, que liderou o Grupo Ruptura, base do concretismo paulista.

A exposição da Galeria Klee abre-se com uma gravura de 1969, que é transposição literal de uma paisagem de 1947, uma das primeiras feitas por Serpa. Prossegue com uma

pintura abstrata de 1950, de formas um tanto amebianas, e com uma versão serigráfica de uma bela tela geométrica de 1953, exposta na Bienal de São Paulo do mesmo ano, na qual ele foi premiado, e queimado no incêndio do MAM, em 1978.

O primeiro grande momento da exposição são duas colagens de 1954/1955, feitas com folhas recortadas de papel de seda, prensadas com celulose a alta temperatura — processo inventado por Serpa quando era funcionário do serviço de restauração da Biblioteca Nacional. Cola-

gens como estas foram expostas em Washington, com apresentação entusiasmada de Mário Pedrosa. Uma delas é construída com papel parcialmente comido por anóbio — e este inseto, símbolo da destruição e da morte, é um tema (e forma também) recorrente em Serpa.

Na seqüência, desenhos da fase informal (1961) e outros, de 1963, feitos com caneta tinteiro, somando erotismo e monstrismo. Bela surpresa é uma paisagem escura, em que os elementos naturais são abstraídos em pinceladas vigorosas.

Da fase negra, precedida pelos duendes, de que há um bom exemplo na exposição, temos apenas dois pequenos desenhos, sem o mesmo impacto das enormes telas do período. Para um artista vocacionalmente construtivo, apesar dos vários intervalos figurativos e até mesmo expressionistas, a fase negra surpreende pela violência do protesto e como manifestação de horror e medo.

A maior obra da exposição é uma pintura geométrica, de 1968, um bom exemplo do rigor com que Ivan Ser-

pa construía suas telas. Ao lado, desenhos simultaneamente óticos e eróticos, isto é, remetem simultaneamente aos percursos labirínticos do anóbio no papel e às ondulações arpianas do corpo feminino. O percurso termina com uma obra de porte médio da fase amazônica, com dominantes verde-rosa e um desenho expressionista de 1972, um ano antes de sua morte. Assim, apesar de pequena e incompleta, há muito que ver, e aprender, nesta exposição-homenagem a Ivan Serpa.